**COMENTÁRIOS SOBRE AS VÁRIAS EDIÇÕES
D'OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA.**

Ruy Magalhães de Araujo (UERJ)

Cuida o presente artigo de apresentar uma pesquisa relacionada com as várias edições d'OS SERTÕES, de Euclides da Cunha, em que fazemos comentários de ordem filológica de algumas dessas edições, pondo em destaque a constante preocupação do autor (quase uma obsessão) de emendar a obra, buscar o perfeccionismo, oferecer aos leitores um trabalho de primeira qualidade, mormente no que concernia ao aparato gramatical ou à observância da norma culta da língua, o que roubava quase o tempo todo desse extraordinário escritor brasileiro.

Ladeando, mostraremos também como a crítica literária da época lhe foi favorável.

De tudo isso, resultou essa extraordinária obra estilística de nossa literatura: OS SERTÕES.

Igualmente, damos ao conhecimento do leitor as diversas traduções da obra em língua estrangeira, bem como as adaptações que recebeu.

Assim, vejamos:

1ª edição. Rio de Janeiro: Laemmert & Cia, 1902. Ilustrada. 632 páginas.

A publicação do livro com o número de páginas que tinham *Os Sertões* não era fácil, tratando-se de autor desconhecido como era ele. A princípio pensou em publicá-lo parceladamente pelas colunas do *Estado de São Paulo*. Talvez fosse esse o meio de atrair a atenção de algum editor. Levou os originais a Julio de Mesquita, certa vez em que esteve na capital. Em vão esperou em Lorena que o jornal começasse a estampá-lo. Longos seis meses se passaram. Voltando a redação do *Estado de São Paulo*, encontrou o seu grande pacote de originais coberto de poeira, no mesmo lugar em que o deixara. Mas apareceram ainda os amigos. Com uma carta de Garcia Redondo a Lúcio de Mendonça, embarcou para o Rio de Janeiro, em dezembro de 1901. Deve ter sido penoso ao estreante o fato de andar daqui para ali com o seu manuscrito, em busca de editor. Mas Lúcio de Mendonça encontrou-o afinal: a Livraria Laemmert encarregou-se de publicar o livro, não se alguma relutância. (Sylvio Rabello, *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966: 161)

A personalidade perfeccionista de Euclides, constantemente

preocupado com a meticulosidade do trabalho, levava-o a considerar sempre que a edição necessitava de emendas. Por isso,

(...) ia sempre ao Rio a fim de corrigir as provas tipográficas, umas provas que nunca o satisfaziam inteiramente. Posto em letra de forma, o livro parecia-lhe outro, o bom e o mau das descrições, dos episódios, das figuras, ganhando um relevo que não tinha nas páginas manuscritas. Mas ainda era tempo de emendar o que lhe escapara antes. E refez períodos inteiros, intercalou novos, ao mesmo tempo que substituíra palavras por outras, de maior propriedade – verbos e adjetivos que dessem toda a sugestão de força e de harmonia as suas idéias. (Sylvio Rabello, *Op. cit.* p. 163)

Terminada a impressão pela editora, notavam-se, porem, ainda muitos erros. *Os Sertões* jamais poderiam ser lançados com tamanha coleção de erros, entendia Euclides. Assim,

(...) dispos-se a emendar todos os defeitos, todos os erros, os tipográficos e os próprios. Durante dias e dias, diante dos operários aturdidos, não arrendou pe da tipografia para raspar, a ponta de canivete, os acentos indicativos de crase e as vírgulas mal postas; para pingar com uma pena novos acentos e novas vírgulas. Um por um, cerca de mil exemplares da tiragem passaram pelas mãos do revisor inexorável. Em cada exemplar emendou oitenta erros. Oitenta mil emendas ao todo. (Sylvio Rabello, *Op. cit.*, p. 165)

Em face de tantas incorreções, tomou-lhe de assalto a idéia fixa de que os gramáticos não o perdoariam.

Desta época, possivelmente antes de ter saído a segunda edição do seu livro, é a poesia *O Paraíso dos Mediócrs – uma página que Dante destruiu*. Euclides imaginava-se em certo sítio perto do inferno e tendo por guia Virgílio. Mas, de súbito este desaparece, deixando-o perdido entre demônios. Em vão lhe grita pelo nome. Em lugar do companheiro de peregrinação, aparece uma figura estranha, de fronte lisa e dentes à mostra, em riso imbecil. Indaga-lhe o nome. Era o cicerone do paraíso dos mediócrs.

'Sou Marcellus Pompônio, o purista,
O guia que te trouxe, esse Virgílio,
Esta ama seca que apelidas tanto
Não me suportaria; eu sou capaz
De mostrar solecismos nas Geórgicas...
Fez bem. Fugiu. E tu certo conheces
O gênio prodigioso que venceu
Certa causa notável, apontado
Um erro de gramática nos autos:
Sou eu. Sou mortal... Tu és feliz,
Lucraste com a troca. Folga, ri,
Agradece ao teu Deus e dá-me o braço.

Faculdade de Formação de Professores

Eu vou mostrar-se o que outrem não faria.
Já viste o inferno, vou levar-te agora
Ao purgatório e ao céu. Mas antes deles
Há uma terra ideal onde domina
A santa mediania da virtude
E se chama o *Paraíso dos Mediócras*
É ali – disse. E depois me foi levando
Por um trilho escarpado. A breve trecho,
Vingando um cerro abrupto, tive em frente
O mais belo país que eu inda vira.
Que terra encantadora.
O meu olhar
Desatou-se folgando em amplitude
Dos horizontes vastos onde eternos
Fulgores de uma primavera eterna
Se revezam co'as noites estreladas'.

Nesse paraíso dos mediócras é que Euclides desejava colocar os supostos caturras que faziam de *Os Sertões* um exercício de aplicação de regras gramaticais. (Sylvio Rabello, *Op. cit.*, p. 186-7.

Durante algum tempo, Euclides permaneceu numa angustiante expectativa, foi quando recebeu carta do editor dando-lhe conta de que

(...) *Os Sertões* tinham feito um grande sucesso. Em oito dias, a metade da edição se esgotara. Nunca na sua vida de livreiro vira acontecimento igual. E depois os jornais vinham com artigos elogiosos. Os melhores críticos já tinham emitido o seu juízo: livro de mestre. (Sylvio Rabello, *Op. cit.* p. 169)

A crítica de Araripe Júnior fê-lo ainda mais conhecido e dentro em pouco tempo já se reclamava a 2ª edição.

Criticar esse trabalho – escreveu – não é mais possível. A emoção por ele produzida neutralizou a função da crítica. E, de fato, ponderando depois calmamente o valor da obra, pareceu-me chegar à conclusão de que *Os Sertões* são um livro admirável, que encontrara muito poucos, escritos no Brasil, que o emparelhem – único, no seu gênero, se atender-se a que reúne a uma forma artística superior e original, uma elevação histórico-filosófica impressionante e um talento épico-dramático, um gênio trágico como muito dificilmente se nos deparara em outro psicologista nacional. O Sr. Euclides da Cunha surge, portanto, conquistando o primeiro lugar entre os prosadores da nova geração. (Araripe Junior – “Os Sertões”, in: -- *Juízos Críticos*, pp.33-71)

Nas pegadas de Araripe Junior, Afrânio Peixoto talqualmente exaltou *Os Sertões*, mostrando

(...) o seu aspecto accidental, episódico, de livro que narra uma cam-

Departamento de Letras

panha, e o seu aspecto essencial, profundo, que é de a advertência aos brasileiros de todas as suas formas de incapacidade não só de dominar a terra como de possuí-la dignamente. (...) livro esperado pela raça sertaneja há séculos abandonada no recesso do País. (Afrânio Peixoto, in: --- Sylvio Rabelo, op.cit. p. 190)

Também o fez Tristão de Ataíde.

Sua obra vinha mostrar, eloqüentemente, e com fatos, o erro do literalismo político – que fora na monarquia o parlamentarismo, importando formulas e confundindo ficções com soluções – embora tendo conseguido organizar a estrutura social da nacionalidade e fixar a face mais original de sua literatura, ate então – e era agora na Republica e caudilhismo militarista, corrompendo as forças armadas pelo veneno politicamente. Literariamente vinha relevar o erro do esquecimento em que jazia a massa dos homens brasileiros e dar aos vindouros um exemplo de originalidade ao tomar em suas mãos a matéria bárbara americana e procurar exprimi-la sem a correção de escolas e preconceitos. (Tristão de Ataíde. *Política e Letras*, in: -- *A Margem dos História da República*, pp. 288-289.)

2ª edição. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia, 1903. Ilustrada. 618 páginas. (Corrigida)

3ª edição. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 1905. Ilustrada. 618 páginas. (Corrigida).

4ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves 1911. Ilustrada. 620 páginas. (Corrigida)

5ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1914. Ilustrada. 620 páginas. (Corrigida. Definitiva, de conformidade com as emendas deixadas pelo autor).

Obs. É pertinente transcrevermos aqui a informação constante da 5ª edição da Livraria Francisco Alves, em sua:

ADVERTÊNCIA (da 5ª edição)

À primeira edição deste livro, em 1902, sucederam-se, em 1903 e 1905, a segunda e a terceira, todas impressas pela firma Laemmert & C.ª Tendo nós adquirido, à falência destes editores, e depois da morte do autor em 1909, a propriedade da obra, publicamos, em 1911, 14ª edição. Todas elas, sensivelmente, não diferiam. Posteriormente, porém, foi encontrado, entre os livros do ilustre escritor, um exemplar daquela terceira edição, última que ele vira, tendo no ante-rostro esta indicação intimativa:

“Livro que deve servir para a edição definitiva (4ª).”

Não cuidamos do nosso interesse, que seria reproduzir facilmente a este-reotipia feita para a 4ª edição, mas sim em bem servir à cultura nacional e em

Faculdade de Formação de Professores

honrar Euclides da Cunha. Por isto, esta 5ª edição, essencialmente a mesma no fundo, na forma muito diversa das outras, obedece, embora com atraso independente da nossa vontade, ao desejo expresso pelo grande estilista, que achara no seu célebre livro tanta matéria para aperfeiçoar.

Como testemunho, juntamos a fotogravura de duas páginas, que dão amostra cabal destas emendas; nelas os entendidos podem achar lição proveitosa do trabalho de estilo.

A 4ª edição, portanto, será a que iremos utilizar para o texto de base de nossas pesquisas, visto refletir as emendas e correções do próprio Euclides da Cunha, como manifestação da última vontade lúcida do autor, o que foi fidedignamente observado.

6ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1923. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

7ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1923. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

8ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1925. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

9ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1926. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

10ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1927. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

11ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1929. Ilustrada. 620 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

12ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1933. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

13ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1936. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

Departamento de Letras

14ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1938. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

15ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1940. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

16ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1942. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

17ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1944. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

18ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1945. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

19ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1946. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

20ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 19346. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

21ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1950. Ilustrada. 646 páginas. (Definitiva, de conformidade com as correções e emendas deixadas pelo autor).

22ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1952. Ilustrada. [Ilustração de Ib. Andersen]. 554 páginas.

23ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1954. Ilustrada. 554 páginas.

24ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1956. Ilustrada. 554 páginas.

25ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1957. Ilustrada. 554 páginas.

26ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves., 1963. Ilustrada.

Faculdade de Formação de Professores

2 volumes.

27ª edição. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1968. Ilustrada. [Capa e ilustração de Aldemir Martins]. 471 páginas.

Obs. A universidade de Brasília também publicou uma 27ª edição.

28ª edição. Brasília, Universidade de Brasília, 1979.

PUBLICAÇÃO DE OUTRAS EDITORAS:

Lisboa, Livros do Brasil, 1959. Ilustrada, 479 páginas. (Coleção *Livros do Brasil*, 41).

Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1967. Ilustrada, 554 páginas. (*Clássicos Brasileiros*, Águia de Ouro). Prefácio de M. Cavalcanti Proença.

Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1969. Prefácio de M. Cavalcanti Proença.

Ilustrada. 560 páginas. (*Clássicos Brasileiros*, Leão. Reimpressão).

Rio de Janeiro, Edições de Ouro, 1970. Seleção, introdução e vocabulário de Olímpio de Sousa Andrade. 225 páginas. (Coleção *Calouro*, Estrela).

Os Sertões: Campanha de Canudos. São Paulo, Abril Cultural, 1979. Ilustrada, 442 páginas.

Os Sertões: Campanha de Canudos. São Paulo, Círculo do Livro, 1992.

496 páginas.

Resta-nos agora aguardar a próxima edição d'*Os Sertões*, comemorativa do centenário da 1ª edição, de 1902.

TRADUÇÕES

Alemão

DIE SERTÕES. Tradução de Karl Schwarzenbach. Hamburgo.

Chinês

[Os Sertões] Tradução de Pei Chin. Pequim, 1959. 597 p. Il.

Dinamarquês

OPRORET paa hojsletten [Oversat af Richard Wagner Hansen, illustrationer of Ib Andersen]. Copenhagen, Westermann, 1948. 339 p. Il.

Espanhol

LOS SERTONES (*Os Sertões*). Traducción del original de Benjamín de Garay; prólogo de Mariano de Vedia. Buenos Aires {Ministerio de Justicia y Instrucción Pública} 1938. 2 volumes. (*Bibl. de Autores Brasileiros Traducidos al Castellano*, 3-4).

- Versión compendiada por Enrique Pérez Mariluz. Ilustraciones de Castelao. Buenos Aires, Editorial Atlántida [1941]. 172 p. il. (*Bibl. Billiken, Col. Azul*).

- La tragédia del hombre derrotado por el médio. [Traducción directa del portugués por Benjamín de Garay. 2ª ed. Buenos Aires, Editorial Claridad [1942]. 452p. il (*Bibl. de Obras Famosas*, 73)

- Trad, de Benjamin de Garay. Reseña de la historia cultural del Brasil, por Afranio Peixoto. Buenos Aires, W. M. Jackson [c.1957] xxvi + 535 p.(Col. *Panamericana*, 4)

Francês

LES TERRES DE CANUDOS. *Os Sertões*. Trad. de Sereth Neu, préf. du dr. Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro, Edições Caravela, 1947. xi + 412 p. Il.

Holandês

DE BINNENLANDEN, opstand in Canudos [Uit hat Portuguees door dr. de Jong]. Amsterdam, Wreldbibliotheek, 1954. 290 p. il.

Inglês

Faculdade de Formação de Professores

REBELLION IN THE BACKLANDS. Translated from *Os Sertões* by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1945] xxxii + 526 p. il.

- Translated from *Os Sertões* by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam. Chicago, University of Chicago Press [1952] xxxii + 526 p. il.

- Translated from *Os Sertões* by Euclides da Cunha, with introduction and notes by Samuel Putnam [Chicago]. The University of Chicago Press. [1957] xxx + 532 p. il. (Phoenix Books, P 22).

- REVOLT IN THE BACKLANDS by Euclides da Cunha. Translated by Samuel Putnam. Londres, Victor Gollancz, 1947. 347 p. il.

Italiano

BRASILE IGNOTO (L'assedio di Canudos) [Trad. di Cornelio Bisello]. Milão, Sperling & Kupfer [1953] 452 p. il.

Sueco

MARKERNA BRINNA (*Os Sertões*) [Svensk översättning och bearbetning av Th. Warburton]. Estocolmo, Wahlström & Widsstrand [1945] 365 p. il.

ADAPTAÇÕES

Ainda se registram as seguintes adaptações:

CAMPANHA DE CANUDOS (episódio de *Os Sertões*). Adaptação de A. de Miranda Bastos, desenhos de José Geraldo, capa de Antônio Euzébio. *Edição Maravilhosa*. Rio de Janeiro, n. 136 (extra) nov. de 1956, 48 p. (*Os Sertões* em quadrinhos).

OS SERTÕES. Adaptação e desenhos de Mário Jaci. *Brincar e Aprender*. Boletim dos clubes agrícolas. Rio de Janeiro, 3 (13) out./dez. de 1944; 8 (33) jan./dez. de 1951.

BIBLIOGRAFIA:

Departamento de Letras

ABREU, Modesto de. *Estilo e Personalidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.

ANDRADE, Olímpio de Souza. *História e Interpretação de "Os Sertões"*. São Paulo: Edart, coleção Visão do Brasil, 1960.

ARARIPE JR, T. A. *Obra Crítica*. Vol. II, 1888-1894. Rio de Janeiro: FCRB, 1960.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *A Configuração do Real em Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

FREIRE, Gilberto. *Atualidade de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro, CEB, 1943.

MOURA, Clovis. *Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

———. "Euclides da Cunha", in: — *Os Forjadores do Mundo Moderno*, nº 3. São Paulo: Fulgor, 1962.

NEVES, Edgard de Carvalho. *Afirmção de Euclides da Cunha*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

NUNES, Cassiano. "Euclides da Cunha: a personalidade e a obra", in — *Revista Brasiliense* nº 24.

PINTO, Pedro A. *Brasileirismos e Supostos Brasileiros de OS SERTÕES, de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Biblioteca Escolar Brasileira, [s.d.]

PICHIA, Menotti del. "Euclides da Cunha e o Socialismo", in — *A Gazeta*, de 1-6-1963.

RABELO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: CEB, 1948.

VIANA FILHO, Luís. *À Margem de Os Sertões*. Salvador: Progresso, 1960.